

A diferença da cobertura do Jornal Nacional e do Jornal da Record no aniversário do conflito entre Hamas e Israel¹

Lara Cavalleri Soares²
Christina Ferraz Musse³
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

Este artigo visa analisar e comparar como o conflito Israel-Hamas foi abordado pelos telejornais brasileiros *Jornal Nacional* e *Jornal da Record*, um ano depois do início do conflito. Para isso foram selecionadas matérias veiculadas do dia sete de outubro de 2024. As matérias foram analisadas através do percurso metodológico da “Análise de temas sensíveis no telejornalismo”, nas categorias: “contexto”, “metáfora”, “vozes” e “edição”, com base em Musse *et al.* (2022). A revisão teórica inclui discussões sobre a memória coletiva (Halbwachs, 1990) e a subjetividade no jornalismo (Moraes, 2022). Este conceito trata de um formato emergente no telejornalismo brasileiro, que privilegia a subjetividade do enunciador, através da veiculação de conteúdos que evidenciem o sensível.

Palavra-chave: cobertura jornalística, telejornalismo, subjetividade, memória, conflito Israel-Hamas.

O Contexto do conflito na mídia

O ataque inicial promovido pelo Hamas, em 7 de outubro de 2023, foi marcado pelo lançamento de milhares de foguetes e pela entrada de combatentes armados em comunidades israelenses localizadas próximas à Faixa de Gaza. De acordo com autoridades israelenses, esse episódio resultou na morte de aproximadamente 1.200 pessoas e no sequestro de cerca de 250 civis e militares (Amichay; Rabinovitch, 2024). A reação de Israel foi imediata e prolongada: ao longo de todo o ano seguinte, a Faixa de Gaza foi alvo de bombardeios constantes, que provocaram destruição em grande escala e deixaram quase 42 mil palestinos mortos (Brasil de Fato, 2024), além de aumentar significativamente o número de pessoas deslocadas internamente. Os efeitos do conflito

¹ Trabalho apresentado no IJ01 Jornalismo, do 20ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação (Intercom Júnior), evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF, bolsista BIC/UFJF do projeto “Jornalismo de subjetividade: a representação de crianças em situação de conflito no telejornalismo”, orientado pela professora Christina Ferraz Musse, email: lara.cavalleri@estudante.ufjf.br

³ Doutora em comunicação, professora do PPGCOM-UFJF, email: cferrazmusse@gmail.com

ultrapassaram os limites de Gaza, chegando também ao sul do Líbano, onde os enfrentamentos entre as forças israelenses e o grupo Hezbollah passaram a ser recorrentes.

O primeiro aniversário do conflito foi marcado não apenas por uma recapitulação dos acontecimentos, mas também por gestos simbólicos que revelam a disputa em torno da interpretação da guerra. Em Israel, dois tipos distintos de cerimônias evidenciaram os conflitos internos relacionados à memória coletiva. De um lado, o governo promoveu uma cerimônia oficial que enfatizou uma visão de coragem nacional e resistência, sem dar espaço para críticas à condução da crise. Por outro lado, parentes das vítimas organizaram um ato independente em Tel Aviv, com forte teor crítico ao governo de Benjamin Netanyahu, atribuindo a ele responsabilidade por falhas de segurança e omissões durante os ataques (Matravalgyi; Catacci, 2024), (Amichay; Rabinovitch, 2024).

Em escala internacional, protestos a favor da Palestina e de Israel ocorreram em diversas cidades. Na capital francesa, por exemplo, manifestantes exigiram a libertação de reféns ainda sob controle do Hamas, enquanto em Istambul, manifestantes pró-palestinos condenaram os bombardeios israelenses na Faixa de Gaza, classificando-os como violações dos direitos humanos (Brennan; Hauser, 2024), (Amichay; Rabinovitch, 2024).

Também como parte dos marcos simbólicos da data, as Brigadas Al-Qassam, braço militar do Hamas, divulgaram um vídeo em que alertam para o risco de morte dos reféns ainda sob seu controle, exigindo que o governo israelense adote medidas concretas nas negociações. A divulgação intensifica ainda mais a tensão no cenário e ilustra o uso estratégico da comunicação por parte dos atores do conflito, cientes da importância da guerra de narrativas na formação da opinião pública (Matravalgyi; Catacci, 2024).

Desse modo, um ano após o início do novo ciclo de violência entre Israel e Hamas, a mídia não apenas informa, mas também atua como agente ativo na disputa por sentidos e na construção da memória coletiva. Compreender a abordagem dos telejornais brasileiros nesse contexto requer atenção à escolha de fontes, enquadramentos, recursos visuais e narrativos empregados e à forma como o conflito é apresentado. Assim, mais do

que lembrar, os meios de comunicação escolhem como lembrar e, acima de tudo, o que deixar de lado.

A Abordagem subjetiva de conflitos no telejornalismo

Este trabalho se propõe a compreender como o telejornalismo brasileiro veiculou informações sobre o conflito Israel-Hamas, um ano depois do início dele. Assim, a análise se faz a partir de representações textuais e imagéticas relacionadas ao conflito entre o grupo extremista Hamas e o Estado de Israel, no *Jornal Nacional* e no *Jornal da Record*, dois dos principais telejornais em rede exibidos por diferentes organizações de TV aberta do país.

Objetiva-se, assim, analisar a cobertura jornalística, após um ano de conflito, feita por esses dois telejornais brasileiros, a partir do conceito de jornalismo de subjetividade de Fabiana Moraes (2022). Segundo a pesquisadora, a subjetividade não precisa ser encarada como oposta a um jornalismo de qualidade. Ao contrário, ela demanda que todas as etapas de apuração e investigação sejam realizadas, porém, a partir de um olhar diferente, que se distancie das abordagens predominantes nos veículos tradicionais e hegemônicos. Esse olhar diferenciado deve estar presente desde a seleção das pautas e das fontes entrevistadas até a fase final de edição do conteúdo jornalístico.

No dia 7 de outubro de 2024, completou-se um ano desde o ataque organizado pelo grupo Hamas contra o território de Israel, um episódio que marcou o início de uma nova fase de intensificação no já longo conflito. A data foi lembrada por meios de comunicação e por manifestações realizadas em diferentes partes do mundo, reacendendo o debate global sobre as origens, os impactos e as narrativas construídas em torno da guerra.

O jornalismo de subjetividade, conceito desenvolvido por Fabiana Moraes, propõe um distanciamento da ideia de neutralidade e da impessoalidade características do modelo jornalístico tradicional. Em seu lugar, valoriza-se a escuta atenta, sensível, e o reconhecimento da complexidade dos indivíduos representados. Ao analisar reportagens exibidas pelos dois telejornais, um ano após o início do confronto entre Israel e Hamas, é possível perceber como determinadas escolhas narrativas e editoriais se aproximam dessa

perspectiva, mesmo que dentro das limitações do telejornalismo. Essa abordagem dialoga diretamente com o conceito de memória coletiva (Halbwachs, 1990), que se forma a partir de relatos compartilhados, frequentemente mediados pela imprensa. Ao oferecer espaço para as vozes das vítimas e de seus familiares, o jornalismo auxilia na elaboração social do trauma e na construção de significados sobre acontecimentos recentes.

De acordo com Maurice Halbwachs, nenhuma memória é totalmente individual. As lembranças de uma pessoa estão sempre vinculadas a estruturas sociais, como a família, a religião, o grupo étnico ou o ambiente urbano frequentado por aquele coletivo, que serve de base para memórias relacionadas à identidade e ao sentimento de pertencimento. A construção da memória depende de suportes concretos, sejam eles espaços, objetos, imagens, construções ou ruas.

As matérias exibidas pelos telejornais da *TV Globo* retomaram a tragédia por meio da exibição de homenagens, manifestações e cenas de destruição. Esses recursos não apenas trazem à tona o que aconteceu, mas também colaboram na reconstrução da memória coletiva do trauma, alinhando-se ao que Maurice Halbwachs (1990) define como o caráter social e relacional da memória. Para o autor, a lembrança é sempre uma construção ancorada no presente e sustentada pelos grupos sociais, por meio de seus suportes materiais e simbólicos. Entre os principais elementos que dão sustentação a essa memória, destacam-se os espaços físicos, como cemitérios, escombros de casas destruídas e fotografias de vítimas e desaparecidos, que funcionam, segundo Halbwachs, como quadros sociais da memória, ou seja, estruturas que possibilitam a recordação coletiva dos acontecimentos passados.

Nesse contexto, o jornalismo assume o papel de mediador principal da memória coletiva, decidindo quais locais serão exibidos, quais vozes terão espaço e quais imagens se transformarão em representações reconhecidas do sofrimento. Ao destacar homenagens e manifestações em datas marcantes, como o aniversário do início do conflito, a cobertura jornalística funciona como um mecanismo de preservação da lembrança. Por meio de enquadramentos emocionais e recursos audiovisuais, ela atualiza um passado que segue presente na memória dos grupos impactados. Dessa forma, os telejornais não apenas transmitem informações, mas também contribuem ativamente para a construção social do luto e para a redefinição do trauma.

Essa abordagem se aproxima da proposta de Fabiana Moraes, que defende um jornalismo de subjetividade, no qual a empatia e a escuta atenta são consideradas aspectos essenciais da prática jornalística. Para a autora, narrativas que acolhem o sofrimento dos indivíduos e assumem um posicionamento diante das violências não representam falhas éticas, mas caminhos para romper com um jornalismo desumanizado e hegemônico, muitas vezes pautado pela neutralidade rígida e pelo distanciamento emocional. Ao optar por dar visibilidade a expressões de dor coletiva, a relatos íntimos de familiares e a cenários como cemitérios, ruínas de casas e retratos de vítimas, os telejornais também assumem um tipo de posicionamento, ainda que de forma não necessariamente intencional, ao validar o sofrimento e as demandas por justiça.

No entanto, ao observar a cobertura do *Jornal da Record*, percebe-se que a reconstrução da memória coletiva se dá por um caminho distinto. Se na *TV Globo* o foco está na atualização simbólica do luto, por meio de homenagens, cerimônias e imagens de destruição, na *Record*, essa memória é construída a partir da persistência da guerra, da tensão e da lógica do confronto. A narrativa da *Record* se ancora fortemente nos vestígios materiais do presente, como fragmentos de mísseis, bunkers hospitalares e veículos utilizados em ataques. Esses elementos, embora também sejam suportes materiais da memória, não operam exatamente como espaços de evocação do luto, mas como marcadores da continuidade do conflito, reafirmando a ideia de uma guerra que segue ativa, viva e presente.

No caso do *Jornal da Record*, o jornalismo também exerce o papel de mediador da memória coletiva, porém por meio de uma lógica diferente da adotada pela *TV Globo*. A escolha dos espaços exibidos, das vozes destacadas e das imagens priorizadas reflete uma construção de memória marcada não tanto pelo luto, mas pela reafirmação do conflito, da resistência e do estado constante de alerta.

Embora essa abordagem também dialogue, de certa forma, com o conceito de jornalismo de subjetividade proposto por Fabiana Moraes (2022), ela se manifesta sob outra perspectiva. Aqui, a subjetividade aparece na presença dos repórteres em zonas de risco, na escuta de vozes civis, como médicos, familiares de vítimas e ex-reféns, e na imersão sensorial proporcionada pelas sirenes, pelo som dos ataques e pela ambientação nos espaços de guerra. Entretanto, esse tipo de escuta se mantém dentro de uma lógica

predominantemente voltada para a dramatização do conflito e não necessariamente para a elaboração empática do trauma e do luto.

Análise comparativa da cobertura de um ano do conflito

Como no estudo “A representação das crianças no conflito Israel-Hamas pelo *Jornal Nacional*” (Soares et al., 2024), feito um ano atrás, também com foco na cobertura subjetiva do conflito, o percurso metodológico utilizado é a “Análise de temas sensíveis no telejornalismo” (Musse et al, 2022), que se propõe a observar as reportagens por meio de quatro categorias para o estudo de caso: “contexto, metáfora, vozes e edição”.

A categoria “contexto” corresponde aos elementos verbais e não-verbais utilizados para situar o conflito; “metáfora” abrange a construção textual e imagética, a partir de sentidos figurados, no desencadeamento das ideias e fatos apresentados, bem como do estilo narrativo adotado pela equipe na produção. A categoria “vozes” elenca as fontes e atores presentes na narrativa jornalística, e, na categoria “edição”, busca-se interpretar os recursos audiovisuais empregados para a ampliação dos sentidos pretendidos.

Em “Contexto”, o *Jornal Nacional* dedicou 4 minutos e 37 segundos ao tema, com foco central nas homenagens realizadas em Israel no exato horário do início dos ataques. O telejornal destacou manifestações, protestos contra o governo Netanyahu e reações internacionais. A construção do contexto priorizou o campo memorial e diplomático, com ênfase nas consequências emocionais do conflito. O uso de mapas, imagens de protestos e dados atualizados de mortos reforçou o caráter de rememoração. O *Jornal da Record* concedeu 12 minutos e 22 segundos ao tema, estruturando a narrativa a partir de uma perspectiva fortemente militarizada. O contexto é construído em torno da lógica da ameaça permanente. Desde o início da matéria, há reforço da ideia de que “a guerra não acabou”, com foco nos mísseis lançados, nas ações do exército israelense e no mapeamento dos armamentos do Hamas. A presença de Roberto Cabrini em locais atacados, como Holon, e dentro de um hospital-bunker reforça uma cobertura centrada na tensão bélica.

É importante ressaltar que no *Jornal Nacional*, há imagens e vozes de ambos os lados. Já no *Jornal da Record*, as duas reportagens mostram apenas civis, informações e imagens de Israel, sem tocar muito no assunto das respostas violentas dos exércitos Israelenses aos civis inocentes palestinos.

Na categoria “Metáfora”, o *Jornal Nacional* utiliza metáforas ligadas ao “tempo congelado”, verbalizadas por entrevistados, além das homenagens como representação da “presença da ausência”, fotos e cartazes que simbolizam os mortos e desaparecidos. No *Jornal da Record*, a metáfora central é a de que “a guerra que não acabou”, frase que aparece inclusive como arte gráfica. O cenário do hospital-bunker, os ataques durante as reportagens e as imagens de mãos de crianças no subsolo simbolizam a continuidade do conflito e a constante vigilância. As sirenes soando durante entradas ao vivo reforçam o estado de alerta e tensão.

Na categoria “Vozes”, no *Jornal Nacional* há predomínio de fontes diplomáticas e oficiais: líderes internacionais, primeiro-ministro de Israel, secretariado da ONU, Joe Biden e outros. A única voz civil é de Abigail Haiu, uma mulher presente em uma homenagem, que perdeu a casa nos ataques e afirma sentir-se “congelada no tempo”. Já no *Jornal da Record*, a matéria tem forte presença de vozes militares e institucionais, como Rafael Rosenszajn, porta-voz do exército israelense, e Michael Halberthal, diretor de um hospital. Também aparecem vozes civis, médicos, uma ex-refém, familiares de vítimas e pessoas nas homenagens, ainda que dentro de uma lógica que reforça a resiliência israelense frente aos ataques. O *Jornal Nacional* prioriza vozes diplomáticas e registros institucionais com pouco espaço para civis. A *Record*, embora centrada no exército e na lógica bélica israelense, dá mais espaço a testemunhos de médicos, sobreviventes e familiares, embora sempre dentro do enquadramento de resistência e segurança.

Em “Edição”, O *Jornal Nacional* é marcado pelo uso de arquivos de 2023, intercalados com registros atuais. A matéria tem ritmo pausado e tom solene, destacando homenagens, protestos e imagens simbólicas como velas, cartazes e cerimônias. As imagens de crianças aparecem em contextos de dor: corpos enrolados em tecidos, mulheres chorando, cenas de luto. No *Jornal da Record*, a edição é mais dinâmica, com cortes rápidos, uso intenso de câmeras de segurança, imagens de celulares, mapas e

sobreposição de textos como “A guerra que não acabou” na abertura da primeira reportagem. Roberto Cabrini circula por locais de ataques, narra a destruição, mostra bunkers, fragmentos de mísseis e acompanha a movimentação do exército. Há também imagens de crianças, mas em um contexto de resistência: mãos brincando com pelúcias e crianças no subsolo do hospital, reforçando a sobrevivência em meio ao caos.

O comparativo principal dos dois telejornais é que o *Jornal Nacional* opera dentro da lógica da memória coletiva, conforme Halbwachs, ao destacar as homenagens e os espaços simbólicos que servem de suporte para a evocação do passado traumático. Ainda que limitado, há espaço para elementos do jornalismo de subjetividade, principalmente nas imagens de luto e nas metáforas que aproximam o espectador da dor alheia. O *Jornal da Record*, por sua vez, prioriza a construção da memória no sentido da resistência. A memória aqui se manifesta na continuidade do conflito, na vigilância permanente e na reafirmação de narrativas de enfrentamento. A presença dos repórteres em cenários de tensão, a ênfase nas operações militares e no risco constante evidencia uma narrativa que se distancia da proposta de subjetividade humanizada e se aproxima de um jornalismo de ação, ainda que inclua depoimentos que humanizam o lado israelense.

Considerações finais

A análise das coberturas realizadas pelo *Jornal Nacional* e pelo *Jornal da Record* evidencia escolhas narrativas profundamente distintas, que revelam linhas editoriais específicas e diferentes formas de compreender e representar um conflito de alta complexidade. Enquanto o primeiro se ancora na lógica da memória e da evocação do trauma, por meio de imagens simbólicas, metáforas do luto e homenagens às vítimas, o segundo estrutura sua narrativa com base em uma lógica de guerra ativa, centrada no risco e na militarização da realidade.

Essas abordagens refletem modos distintos de se construir o que Halbwachs (1990) define como memória coletiva, não como um simples registro de fatos, mas como um processo social mediado por instituições, símbolos e práticas comunicacionais. O *Jornal Nacional*, ao privilegiar as cerimônias e as imagens de dor, opera como vetor da memória emocional e simbólica, promovendo um espaço de recordação que aproxima o espectador da experiência da perda. Ainda que sem grande profundidade analítica ou

histórico-política, o telejornal oferece uma representação voltada à empatia e ao reconhecimento da tragédia humana.

Por outro lado, o *Jornal da Record* adota uma perspectiva que prioriza a vigilância constante e a continuidade da guerra. Sua cobertura enfatiza a ação militar, a presença na front e o caráter factual da destruição, posicionando-se dentro de um jornalismo de impacto e, em muitos momentos, performático. A estética da urgência e o protagonismo de figuras como Roberto Cabrini reforçam a dimensão espetacular da narrativa e contribuem para uma construção emocional baseada no medo e na reafirmação da resistência israelense.

É importante destacar, contudo, que ambas as coberturas apresentam limitações significativas. A ausência de vozes palestinas impede a construção de um panorama plural sobre o conflito e revela uma lacuna grave na representação da alteridade. A escassez de contextualização histórica, geopolítica e humanitária, especialmente em relação às condições da população civil na Faixa de Gaza, restringe a compreensão do espectador e empobrece o debate público sobre as causas estruturais da guerra.

Além disso, ao operar dentro de lógicas distintas, a memória e a guerra, os dois telejornais também revelam as possibilidades e os limites do jornalismo de subjetividade (Moraes, 2022). No *Jornal Nacional*, a subjetividade aparece de forma controlada, sobretudo por meio de metáforas, sem grande abertura para depoimentos civis. Já na *Record*, embora o foco esteja na lógica bélica, há inserções pontuais de relatos emocionais que buscam humanizar os impactos da guerra, embora concentrados no lado israelense.

Dessa forma, o estudo reafirma que o telejornalismo não se limita à função de informar, mas atua como agente ativo na disputa por sentidos, participando diretamente da construção das memórias coletivas e dos enquadramentos sobre o presente e o passado. A forma como os acontecimentos são enquadrados, editados e narrados influencia diretamente a percepção social dos fatos, contribuindo para consolidar determinadas versões da realidade enquanto invisibiliza outras.

Referências

AMICHAY, Rami; RABINOVITCH, Ari. **Atos marcam um ano do conflito entre Israel e Hamas: narrativas conflitantes de Israel sobre guerra**. Agência Brasil, 7 out. 2024. Disponível

em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-10/atos-marcam-um-ano-do-conflito-entre-israel-e-hamas-narrativas-conflitantes-de-israel-sobre-guerra>. Acesso em: 7 maio 2025.

BRASIL DE FATO. **Horror em números: genocídio de Israel na Faixa de Gaza completa um ano.** 7 de outubro 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/10/07/horror-em-numeros-genocidio-de-israel-na-faixa-de-gaza-completa-um-ano/>. Acesso em: 7 maio 2025.

BRENNAN, Eve; HAUSER, Jennifer. **Manifestações marcam um ano da guerra entre Israel e Hamas.** CNN Brasil, 7 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/manifestacoes-marcam-um-ano-da-guerra-entre-israel-e-hamas/>. Acesso em: 7 maio 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

MATRAVOLGYI, Elizabeth; CATACCI, Mariana. **Guerra na Faixa de Gaza completa 1 ano: relembre principais momentos do conflito.** CNN Brasil, 7 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-na-faixa-de-gaza-completa-1-ano-relembre-principais-momentos-do-conflito/>. Acesso em: 7 maio 2025.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo desumanizado.** Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Cláudia; MUSSE, Mariana Ferraz; MIRANDA, Pedro Augusto Silva. **Crianças da guerra: o telejornalismo brasileiro e a representação da infância.** Anais do XVI Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), Buenos Aires, 2022. Disponível em: <https://alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/795>. Acesso em: 22 maio 2025.

REUTERS. **Braço armado do Hamas alerta para perigo dos reféns em 1 ano da guerra em Gaza.** CNN Brasil, 7 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/braco-armado-do-hamas-alerta-para-perigo-dos-refens-em-1-ano-da-guerra-em-gaza/>. Acesso em: 7 maio 2025.

SOARES, L. C. et al. **O olhar subjetivo do telejornal: o Jornal Nacional e a representação das crianças no conflito Israel-Hamas.** Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 47º Congresso de Ciências da Comunicação, Univale, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/070120241039436682b19fd95ac.pdf> Acesso em: 21 jun. 2025.